A Velha Chique lenta, Clique, Clique, Tasca Pimenta!

Que casa feia, quanto jornal picado e pimenta, quem mora aqui são loucos por pimenta e adoram picar jornal, me deixa ler: “Criança desaparece misteriosamente no bairro do Cachorro, testemunha diz ter visto um menino estranho num carro preto”... Onde está o outro pedaço, está tudo picado, que cheiro estranho, credo, parece que o cérebro de alguém foi cozido, cérebro de criança que não estuda vira gosma cabeluda. Gosma, jornal, pimenta, o que mais falta aqui, meu deus, uma mãozinha de criança toda roxinha, onde será que eu me escondi Marquinho, pensa rápido, jornal de criança desaparecida, gosma, pimenta, deus, eu estou na casa da velha, velha, chique lenta, clique, clique, tasca pimenta!

Velha- Moleque!

-Então a velha existe, a velha existe de verdade. Ela come criancinhas, coragem Marquinho, coragem!

-Molecada do inferno, filhos do maligno, veio tentar a minha casa, secar as minhas ervas!

Ah, então é um rato, um rato de rabo mole, um rato de uniforme sujo, e ainda carrega livros, será que você é estudado, eu posso sentir o mau cheiro da mentira, a sua boca fedorenta mentindo doenças pra fugir da escola, com carinha de anjo, anjo de nariz verde, até que suas remelas enrosquem nos seus chifres piolhentos e seja pego! Quando a ratoeira se armar, quebrarão suas pernas, quantas, uma, duas, quatro pernas peludas,

esmigalhadas sem poder andar, aí eu te pego, corto sua cabeça, finco num cabo de vassoura, raspo seus cabelinhos pra fazer piaçaba, não é assim, não é assim que dizem? O que vai fazer vai me atirar pedra quer a-tirar pedras na velha? Transformo cada pedra em bola de fogo e depois as devolvo queimando suas remelas, o seu nariz vai arder e tu espirrarás lava! Não é assim, não é assim que dizem, mas eu lhe darei uma chance para escapar, e se você um enigma decifrar: quanto é cinquenta e três mais vinte e seis, esse você acertar eu deixo você ir, então, quanto é cinquenta e três mais vinte e seis? É bom em matemática, estou esperando. Cinquenta e três mais vinte e seis...

-Cinco com mais dois com três, não, seis mais três: dá sete, setenta, setenta e oito!

-Ah, ele acertou que pena, acertou a dezena, mas errou feia a unidade, são nove, setenta e nove! Acertei pela metade, eu devo dar meio certo, sim, ou não? Já sei vou dar a metade de uma chance. Vou entrar no meu quarto para eu trocar de pele, e é o tempo que vou lhe dar para pegar seus livros sair daqui e nunca mais voltar, e não ouse saber o que dentro do meu quarto há. Estou entrando, abrindo a cortina, vou fechar pronto!

O menino desesperado sai debaixo da pia e nervosamente tenta arrumar sua mochila, mas uma mão, enrugada, preta e roxa sai por de trás da cortina e apaga a luz.

-Não vale, preciso enxergar, preciso encontrar meus livros.

O menino vai tateando no escuro tentando encontrar seus livros, mas de costas para a cortina vermelha que se abre e ele não percebe, uma velha sai do quarto com um lençol branco cobrindo sua face e uma lanterna ilumina seu velho rosto por dentro do lençol, e ainda, mais um cobertor malacafento e mal cheiroso cobre a velha da cabeça aos pés. Silenciosamente como um ser sem rosto assusta o menino por trás.

-AAAAA (Grita) O menino corre assustado deixando sua coleção de revistinha que ensinam como fazer brinquedos artesanais.

A velha segue o menino até a porta, vira-se, e como um ser fantasmagórico flutuante, acende a luz e gargalha sobre o pavor desse pobre menino.

-Rato covarde, lesma rastejante, joga um punhado de sal de medo e elas se encolhem, e ainda deixam seu rastro. Hum, figuras interessantes, que bonito, colorido, parece divertido, bonita bonequinha, bochecha rosada, cabelinho de caracóis, oh, o vestidinho azul florido, igualzinho ao da minha infância.

Neste momento uma pedra passa raspando pela velha.

-Que diabos, não se têm paz, infantes do demônio!

-Velha, velha, Chique lenta, clique, clique, tasca pimenta!

-O rato teimoso voltou, gostou da ratoeira!

-Velha...

-Vou enchê-lo de pimentas!

-Volte aqui, filhote do demo, diabinho vira-latas! Ah, peguei o diabinho encurralado. Vieram roubar meus restos, minhas migalhas de crianças?

-Não, eu vim buscar o que é meu, quero minhas revistinhas de volta!

-O rato mole criou coragem!

-Estas revistas são da minha coleção!

-Então são especiais, mas por que, o que poderá haver de tão especial nestas revistas para um rato mole criar coragem, hein?

-Essas revistas ensinam como fazer coisas.

-O que, o que ensinam de tão interessante, como comer pelas beiradas, ou como roubar migalhas?

-Não, elas ensinam como fazer brinquedos.

-Mentira! Elas ensinam como colar na prova sem nunca serem pegos, ensina como chantagear a mãe quando querem brinquedo. Ensinam a dizer nome feio quando faltando com o respeito.

-Não, não é nada disso ensinam a fazer brinquedos de sucata.

-Sucata, brincadeira de lata? Você é mesmo um rato sujo, que brinca com os restos de lixo de uma lata revirada.

-É divertida, a gente, recorta, cola e junto palito, com restos de jornal eu já fiz até um navio, é sempre um desafio.

-Gosta de desafios, você se arrisca como cavaleiro guerreiro só pra criar um brinquedo divertido, isso não é nobre, é uma coragem pobre, não existe desafio nisso.

-Não é pobre, é rico, quanto maior o lixo, maior o desafio, eu penso e recrio um brinquedo inteligente e divertido.

-Brinquedo divertido, é mesmo importante para você, rato de poço, então escolha suas armas cavalheiro guerreiro e tente suas revistas recuperá-las.

-Não, basta me devolver.

-Ah, claro, e só isso basta?

-Ou vou mandar te prender.

-Prender? O rato de patas ralas, pensa que faz a lei.

-Meu pai é juiz do merecimento da lei que me dá direito.

-Pai importante, mas me diga, por que razão seu pai me prenderia?

-Pela razão de roubar minha coleção de revistinhas.

-Eu não roubei nada, você moleque é que invadiu a minha casa, não existe acusação, filhote do cão!

-Ah, não, e as crianças que você mata, cozinha o cérebro e faz dos cabelinhos piaçaba.

-Que mentira, você não tem prova de nada.

-Eu vi o cérebro da criança na panela destampada.

-Que cérebro, você não sabe o que fala!

-Sei sim, vou contar tudo para o meu pai, ele vai vir aqui junto com a justiça do merecimento e com a lei que me dá direito, vai colocar um carimbo na sua testa enrugada, escrito: prisioneira aprisionada.

-A minha testa não pega tinta e a palavra prisioneira sairá distorcida.

-Então meu pai vai cortar suas rugas e fazer mistura para minhocas cabeludas.

-Ah, que bom, por que eu vou ficar com a pele esticada, quanto tempo eu vou ficar aprisionada?

-Quinze anos pela criança sequestrada.

-E o cérebro dela cozido não conta nada?

-Mais vinte e cinco por fazer mistura da criançada.

-E as pimentas, eu gosto de criança temperada.

-Mais sete anos por cada criança apimentada.

-Parece pouco, não irá me incomodar em nada.

-É muito tempo para ficar aprisionada.

-Quanto? Quinze mais vinte e cinco quanto dá?

-É bastante tempo.

-Trinta e sete, trinta e oito, quanto?

- Não, muito mais temo.

-Quarenta mais sete, quanto, pois se você acetar eu me deixo aprisionar, não vou reagir, não direi nada, uma só palavra, quanto, quanto dá?

(Aponta o cabo de vassoura para ele)

-Já disse muito tempo aprisionada!

-Ah, você não sabe, você não sabe de nada, tome sua coleção, estas revistas não ensinam nada.

(Joga as revistas nele)

-Eu vou conta pro meu pai!

-Suma daqui, saia da minha casa, aproveite e conte pro seu pai que você não sabe matemática!

Ave-maria eu fiquei cansada, os anos não somam mais a paciência necessária para lutar contra essa molecada. Invadem a minha casa como se fosse o último dia e ainda plantam a gritaria me tomando de inimiga. Eu preciso descansar a alma, amanhã será mais um dia de luta vazia...

(O dia seguinte é de manhã)

Entra o menino ditando lei: - Limpando tudo, limpando o serviço sujo, hein?

-Oh, Jó, dai-me paciência!

-Você esta presa, em nome da lei do merecimento da justiça que dá direito. (Mostra o distintivo de lata)

-Mas esse distintivo é de lata?

-Eu sei, eu fiz assim, de latinha para representar a justiça do meu pai.

-E onde está o seu pai que não veio me prender?

-Está no estrangeiro estudando a lei do merecimento da justiça que dá o direito tudo vê.

-Nem tudo vê, esta justiça me mandou um funcionário de lata que nem sabe matemática.

-Eu não preciso saber matemática para mandar lhe prender.

-Então não representa a lei, a justiça é exata, dois mais dois, são quatro, justa e exata, como a matemática.

-Eu sei, eu estudei, a senhora tem o direito de ter uma cela especial com tevê por saber matemática.

-Eu não gosto de tevê, troco esse direito por um último desejo.

-Não sei, eu não sei se essa troca eu posso fazer.

-Não conhece a misericórdia da lei, eu tenho direito para um último desejo.

-Muito bem, qual seria?

-Tomar o meu chá em paz na calmaria.

-É justo, tome o seu chá, mas não tente escapar.

-Eu não escaparia, e como prova de confiança, tome este cabo de vassoura, você me vigia.

-(O menino fica de prontidão)

-Ah, o perfume da hortelã. Um gosto suave, a cor delicada, um verde transparente...

-Parece xixi de planta.

-Não diga bobagem, você já tomou chá de hortelã?

-Não gosto de chá, eu tomo leite.

-Pelo menos, sente-se e experimente.

-Não gosto de chá, já falei.

-Criança assim, barrigudinho, pega muito verme, deve estar cheio de bicho aí na sua barriga.

-Não tem nada na minha barriga.

-Como você sabe esses vermes trabalham em segredo, comem suas tripas enquanto se multiplicam aí dentro, sua barriga incha até que saem pela tampinha.

-Que tampinha?

-O umbigo, a tampinha da barriga.

-Mentira, a senhora esta me colocando medo.

-Medo? Não, você é um cavalheiro corajoso, apenas me dá desgosto ver um cavalheiro de barriga inchada, é feio deselegante, nunca conseguirá uma princesa como namorada.

-Eu sou criança, eu não tenho namorada ainda.

-Está vendo, é a sua barriga inchada.

-Não é minha barriga inchada, eu sou criança, já falei, não tenho namorada.

-Mas terá um dia, então se previna, sente-se e experimente. (Coloca uma xícara para ele)

-(O menino senta desconfiado, ameaça beber, mas desiste) É muito quente!

-Oh, desculpe senhor da lei, eu assopro, agora beba.

-Ainda está muito quente.

-E agora, está mais morno?

-Sim, acho que sim.

-Então sinta o perfume e beba.

-(O menino cheira, ameaça beber, mas desiste mais uma vez).

-O que foi desta vez, ah, eu já sei, você acha que eu sou uma velha bruxa e o chá está envenenado!

-Não, é que tem uma turma de mosquitos fazendo de piscina a xícara do meu chá.

-Oh, meu deus, uma família inteira, (Enfia os dedos no chá e retira-os um a um) Pronto, agora pode beber.

-Mas agora tem uma mancha marrom de gordura dos seus dedos.

-Ai, desculpa, deveria ter trocado a xícara, não estou acostuma a receber visitas.

-Eu não sou visita, eu sou a lei que te vigia.